

DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>



Aubin, Jean(Ligugé, 1927 – Jumelles, 1998)

Oríundo de uma família de impressores e editores (Aigle, “L’oeuvre de Jean Aubin (1927-1998) et l’histoire globale”, 2018:11), Jean Aubin nasceu em 1927, na cidade de Ligugé – Nouvelle Aquitaine, no centro da França. Depois de ter estudado línguas como o holandês, o húngaro e o sueco durante a adolescência, formou-se na École Nationale des Langues Orientales de Paris (1945-1948) onde aprendeu turco, árabe e persa, acabando por especializar-se em história e cultura iraniana.

Bolseiro da Universidade de Teerãoem 1948-1949, Aubin ingressou no ano seguinte no Institut franco-iranien d’Iranologie (1950-1955) como investigador associado. Durante essa primeira longa estadia no Irão, o jovem historiador centrou as suas pesquisas na história medieval do país e nas invasões turco-mongóis, consultando para tal um avultado número de crónicas e arquivos. Por outro lado, também examinou a posição do Irão medieval como civilização situada “na encruzilhada do mundo mediterrânico, da Ásia e do mundo indiano” (Jean Aubin, “Liminaire”, in: Le Monde iranien et l’Islam, 1971: p.VIII). Entre o final dos anos 1940 e o início da década seguinte, Aubin assentou assim as bases teóricas de um método historiográfico “fundamentado ao mesmo tempo numa vasta visão geopolítica e no estudo crítico das fontes” (Geneviève Bouchon, « Introduction », in : Le Latin et l’Astrolabe, 2000: p.10). Em última instância, antes de se converter num dos principais investigadores internacionais do império português na Índia, Aubin afirmou-se como um pioneiro dos estudos históricos sobre o Irão medieval em França.

Particularmente preocupado em esmiuçar e publicar fontes primárias inéditas relacionadas com o período de domínio Aq Qoyunlu ou de expansão do império safávida, Jean Aubin deu assim à estampa, nas suas duas primeiras décadas de investigação, obras de referência como, por exemplo, Note sur quelques documents Aq Qoyunlu (1956), Note préliminaire sur les archives du Takya du Tchîma-rûd (1955), ou ainda Matériaux pour la biographie de Shâh Ni’matullah Walî Kermânî (1956). Alargando progressivamente o leque das suas interrogações para todo o Golfo Pérsico e o Oceano Índico do final da Idade Média, Aubin também estudou o processo de formação de uma diáspora de comerciantes e diplomatas iranianos na região. Deste modo, além de principal investigador dos estudos persas em França, Aubin tornou-se, como sublinha a historiadora Denise Aigle, um dos representantes franceses da “história conectada” (Aigle, « L’oeuvre de Jean



DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

Aubin (1927-1998) et l'histoire globale », 2018:13). Foi, aliás, essa característica que o levou paulatinamente a interessar-se pela presença portuguesa na Índia.

Regressado, entretanto, da sua primeira longa estadia no Irão (1948-1955), Jean Aubin integrou em 1956 a secção de Línguas e Civilizações Orientais do prestigiado Centre National de Recherche Scientifique (CNRS). Paralelamente a novas investigações conduzidas em Teerão, o vínculo do jovem investigador ao CNRS permitiu-lhe realizar estadias noutros países. Foi o caso de Portugal, que visitou pela primeira vez em 1959, para consultar arquivos relacionados com a cidade de Ormuz, sobre a qual escrevera um primeiro artigo em 1953. Aubin passou assim a frequentar regular e demoradamente o Arquivo Nacional da Torre do Tombo (ANTT), travando conhecimento com o director da época, José Pereira da Costa e também com os historiadores Luís de Albuquerque e Avelino Teixeira Mota.

A par dessas numerosas deslocações a Lisboa e do cargo de investigador que continuou a desempenhar no CNRS, Aubin foi eleito, em 1963, diretor de investigação na École Pratique des Hautes études (EPHE), onde lecionou história do Irão e do império português na Ásia até ao final da sua carreira em 1994. Por outro lado, tornou-se um dos incontornáveis palestrantes do Centro Culturel da Fundação Calouste Gulbenkian em Paris. Aí, paralelamente a numerosas conferências proferidas em universidades portuguesas, consolidou o advento de uma “jovem escola de orientistas portugueses” (Aubin, *Le Latin et L’Astrolabe.I*, 1996: 9). Destacaram-se nessa “escola” nomes como Dejanirah Couto e Jacques Paviot em França e, mais tarde em Portugal, Jorge Flores, Jorge Manuel dos Santos Alves e José Alberto Tavim, entre outros investigadores formados direta ou indiretamente por Aubin. À sua maneira, todos perfilharam a conceção e metodologia do historiador francês baseada sobre “uma vasta visão geopolítica e sobre a utilização de fontes primárias que submetia a uma ‘malhagem’ particularmente apertada” (Couto, “Jean Aubin, *Le latin et l’astrolabe*, 2001: p. 728), permitida pelo perfeito conhecimento das diversas línguas de trabalho.

Finalmente, a carreira institucional e de docência de Aubin foi marcada pela sua participação, ao lado de Teodoro de Matos, na criação do Centro Centro de História de Além-Mar (CHAM) da Universidade Nova de Lisboa (UNL), e pela sua nomeação, em 1986, e sem prejuízo das suas funções no CNRS e na EPHE, como diretor de investigação na École des Hautes Études en Sciences Sociales (EHESS), onde criou o Centre d’Études Portugaises em 1992. Por outro lado, nunca deixou de manter a sua relação privilegiada com o Centro Cultural Português da Fundação Calouste Gulbenkian em Paris, ali estabelecendo também laços de amizade com Vitorino de Pina Martins, José Augusto França e Maria de Lourdes Belchior, três diretores históricos do Centro. Na Fundação, em Paris, a par das suas inúmeras palestras e conferências, o historiador organizou vários colóquios internacionais dedicados ao Portugal da expansão marítima.

Sobre essa faceta lusófila da obra de Aubin, salientemos que, depois de ter “entrado no mundo português por Ormuz” (Aubin, *Le Latin et L’Astrolabe.I*, 1996: 9) e de ter explorado na Torre do Tombo inúmeros arquivos diplomáticos escritos em línguas orientais que podia decifrar, sendo na época o único investigador conseguir fazê-lo, Aubin afirmar-se-ia nos anos de 1960 como um dos principais estudiosos do “mare luso-inducum”



DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

(Ibid.). O seu propósito foi, como explicava em 1996, “esclarecer o conhecimento dos países do Oceano Índico sob a luz dupla das fontes islâmicas e da massa dormente dos arquivos portuguesas” (Ibid.). Para Aubin, tratava-se igualmente de estudar a sociedade portuguesa e o “lugar de Portugal na Europa por volta dos anos 1500” (Ibid.) porque, igualmente segundo as suas palavras, “uma historiografia convencional tinha levado a negligenciar o estudo da sociedade política [portuguesa] da época das Descobertas” (Ibid.).

Essa linha de investigação, associada ao seu método de “confronto sistemático das relações entre as crónicas e os dados das diferentes peças de arquivos” (Geneviève Bouchon, « Introduction », in : *Le Latin et l’Astrolabe*, 2000: p.10), permitiram a Aubin dar um contributo importante aos estudos políticos e sociais do reinado de D. Manuel I através de artigos que alargaram e renovaram os conhecimentos sobre figuras históricas como Duarte Galvão, Vasco da Gama e Damião de Góis. Todos esses vultos do século XV e XVI português apareceram assim na nossa historiografia “sob uma nova perspectiva, com as suas famílias, bens, prestígio dos serviços prestados ou segredos do seu passado” (Ibid.). O livro *Le Latin et L’Astrolabe* (1996-2006), publicado por iniciativa da Fundação Calouste Gulbenkian e da Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos, é nesse sentido fundamental para medir o exaustivo trabalho realizado por Aubin nos arquivos da corte e da nobreza portuguesa.

Os dois primeiros volumes da obra reúnem todos os artigos escritos pelo historiador a partir de 1959 sobre a história de Portugal na Índia, enquanto o terceiro volume, publicado a título póstumo em 2006 e organizado por Luís Filipe Tomaz, agrupa os estudos de Aubin dedicados a D. João II, assim como os capítulos limiares da biografia de D. Manuel I, que o estudioso não pôde terminar pois viria a falecer em 1998. Finalmente, *Le Latin et L’Astrolabe*, também não deixa de ilustrar o interesse constante de Aubin pela história comparada do império persa e do mundo luso-indiano, interesse esse que o levou, nomeadamente, a criar as revistas *Mare Luso-Indicum* (1971-1980) e *Le Monde Iranien et l’Islam* (1971-1974). Deste modo, além do seu contributo decisivo para os estudos sobre a presença portuguesa na Índia, Aubin explorou e demonstrou incontestavelmente a capacidade dos arquivos e das crónicas portuguesas em dar conta de realidades sociais e económicas que escapam às fontes orientais e, de assim, “dar a conhecer de forma mais precisa a expansão religiosa e política do Islão nos países do Oceano Índico da qual os portugueses foram testemunhas prolixas” (Ibid.).

Mais concretamente sobre os estudos de Aubin relacionados com a Índia portuguesa, sublinhemos que permitiram revelar, sob o prisma do “percurso dos homens, da história dos acontecimentos e das ideias” (Couto, “Jean Aubin”, 2001: p. 728), as condições de formação do primeiro império europeu na Ásia, nos anos decisivos de 1505-1520. Referimo-nos, por exemplo, ao estudo da influência ideológica de Duarte Galvão na corte de D. Manuel e no despertar do messianismo imperial manuelino (Aubin, “Duarte Galvão”, in: *Le Latin et L’Astrolabe*.I, 1996: pp.11-48). Ou ainda à derrota de Afonso de Albuquerque em Adém no Lémen, depois da conquista de Ormuz, Goa e Malaca e também da influência exercida sobre o governador pelos seus secretários judeus castalhanos, Francisco de Albuquerque e Alexandre de Ataíde. (Id., “Albuquerque et les



DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

négociations de Cambaye” e “Francisco de Albuquerque”, in: *Le Latin et L’Astrolabe*.II, 2000: pp.197-250 e pp.251-279). Salientemos igualmente o contributo decisivo de Aubin para o conhecimento da história da implantação (1503-1504) dos Portugueses na Costa do Malabar, alicerçada em Cochim, e do papel decisivo nesse processo do navegador, militar e “sábio cosmógrafo” (Id., “Les frustrations de Duarte Pacheco Pereira”, in: *Revista de História da Universidade de Coimbra*, nºXXXVI, 1991, pp.181-204), Duarte Pacheco Pereira.

Além disso, o interesse de Aubin por Duarte Pacheco, autor do célebre tratado *Esmeraldode Situ Orbis* (1508), “sumo de erudição matemática e da arte de navegar, mas também obra apologética da política real de expansão portuguesa” (Couto, “Jean Aubin”, 2001: p. 728), levá-lo-ia a dar toda a importância à presença do ideário de cruzada cristã na construção do Estado Português da Índia, assim como, às incontornáveis conexões entre a história das cidades portuguesas na Índia e a das relações luso-etíópias. Aubin publicou assim trabalhos inovadores sobre a aliança portuguesa com o reino cristão de Preste João na Etiópia, e a ambição lusa de disputar o controlo do Mar Vermelho ao império otomano (Aubin, “L’ambassade de Prêtre Jean à D. Manuel” e “Le Prêtre Jean devant la Censure Portugaise”, in: *Le Latin et L’Astrolabe*.I, 1996: pp.133-182 e pp.183-210).

Por último, destaquemos, uma vez mais, a capacidade ímpar de Jean Aubin em investigar fontes portuguesas, árabes, persas, turcas e indiana (Id., “Les documents arabes, persans et turcs de la Torre do Tombo”, in: *ibid.*, pp.417-454), que permitiram ao historiador demonstrar como a história portuguesa finissecular de quatrocentos e de inícios de quinhentos é uma história singularmente “conectada”, não só com a Europa renascentista, mas também com o Estado do Guzerate (Índia) e o império persa da época.

Bibliografia ativa: “Les princes d’Ormuz du XIIIe au XVe siècle”, in: *Journal Asiatique*, 1953, pp. 77-138; “Le Orçamento do Estado da Índia de António de Abreu (1574)”. *Studia*, no 4, pp. 169-281, 1959; “Liminaire”, *Le Monde iranien et l’Islam*, vol.1, Genebra, Centre d’Études Islamiques et Orientales – Librairie Droz, 1971, pp.VII-IX; *L’ambassade de Gregório Pereira Fidalgo à la cour de Châh Soltân-Hosseyyn (1696-1697)*, Paris, Fondation Calouste Gulbenkian, 1971 ; *Le Portugal, histoire européenne. Actes du Colloque*, 22 et 23 mai 1986, Paris, Fondation Calouste Gulbenkian, 1987; *Le Portugal au XVe siècle. Actes du Colloque*, 12 mars 1987, Paris Fondation Calouste Gulbenkian; *La Découverte, le Portugal et l’Europe. Actes du Colloque*. Paris, Les 26, 27 et 28 mai 1988, Paris, Fondation Calouste Gulbenkian, 1990; “Les frustrations de Duarte Pacheco Pereira”, in: *Revista de História da Universidade de Coimbra*, nºXXXVI, 1991, pp.181-204; *Émirs mongols et vizirs persans dans les remous de l’acculturation*, Paris, Association pour l’avancement des études iraniennes, Paris, 1995; *Le Latin et l’Astrolabe: Recherches sur le Portugal de la Renaissance, son expansion en Asie et les relations internationales*, 3 vols, Paris, Fondation Calouste Gulbenkian, 1996-2006.



DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

Bibliografia passiva: AIGLE, Denise, “L’oeuvre de Jean Aubin (1927-1998) et l’histoire globale” in : Jean Aubin, *Études sur l’Iran médiéval: Géographie historique et société*, ed. et introd. Denise Aigle, Paris, 2018, pp. 11-24 ; BOUCHON, Geneviève, “Introduction”, in : *Le Latin et l’Astrolabe: Recherches sur le Portugal de la Renaissance, son expansion en Asie et les relations internationales II*, Lisboa, 2000, pp. 9-15 ; COUTO, Dejanirah. “Jean Aubin, Le latin et l’astrolabe. Recherches sur le Portugal de la Renaissance, son expansion en Asie et les relations internationales”, in: *Annales. Histoire, Sciences Sociales*, 56^e année, n°3, 2001, pp. 727-731 ; THOMAS, Luís Filipe (ed.), *Aquém e Além da Taprobana. Estudos Luso-Orientais à memória de Jean Aubin e Denys Lombard*, Lisbonne, CHAM, 2002.

George Gomes